

ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE DE BENTINHO NA OBRA *DOM CASMURRO*, DE MACHADO DE ASSIS

ANALYSIS OF THE CONSTRUCTION OF BENTINHO'S MASCULINITY IN *DOM CASMURRO*, BY MACHADO DE ASSIS

Taís Lima Vieiraⁱ  
Carolina Alves Magaldiⁱⁱ  

Resumo: O artigo analisa a construção da masculinidade da personagem Bentinho até sua fase adulta, como Dom Casmurro, na obra de Machado de Assis. Trata da complexa construção da masculinidade na personagem, do quanto o tóxico modelo de masculinidade pode ter influenciado a sua construção identitária e reprimido o possível desejo amoroso por Escobar, seu amigo. Assim, o artigo visa lançar um olhar distinto do comum foco que é dado ao romance: se houve ou não traição por parte da personagem Capitu. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica na obra de Machado de Assis, em textos de Guacira L. Louro, Michel Foucault e outros pertinentes à análise. Ao final, fixa-se a possível interpretação de que a obra tenha como núcleo o conflito identitário do narrador-personagem, que se vê oprimido diante de uma sociedade binária heteronormativa e repressora de condutas que fogem a esse modelo.

Palavras-chave: masculinidade; sexualidade; heteronormatividade; Bentinho; Dom Casmurro.

Abstract: *The article analyzes the construction of the masculinity of the character Bentinho until his adulthood, as Dom Casmurro, in the work of Machado de Assis. It deals with the complex construction of masculinity in the character, how the toxic model of masculinity may have influenced his identity construction and repressed his possible desire for Escobar, his friend. Thus, the article aims to take a different look at the common focus given to the novel: whether or not there was betrayal on the part of the character Capitu. The methodology used is bibliographical research into the work of Machado de Assis, texts by Guacira L. Louro, Michel Foucault and others pertinent to the analysis. In the end, the possible interpretation is that the work has as its core the identity conflict of the narrator-character, who finds himself oppressed in the face of a heteronormative binary society that represses behavior that deviates from this model.*

Keywords: *masculinity; sexuality; heteronormativity; Bentinho; Dom Casmurro.*

Submetido em: 12.04.2024

Aceito para publicação em: 30.05.2024



É permitido compartilhar (copiar e redistribuir em qualquer suporte ou formato) este material, desde que citada a autoria e observados os termos da licença CC-BY-NC 4.0.

ⁱ Bacharela em Direito pelas Faculdades Integradas Vianna Júnior. Advogada. Especialista em Direito Civil e Processual Civil pelo Centro Universitário Estácio de Juiz de Fora/MG. Especialista em Relações de Gênero e Sexualidades pela Universidade Federal de Juiz de Fora/MG. Mestranda em Direito e Inovação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG. *E-mail:* taislimav@gmail.com.

ⁱⁱ Professora efetiva da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG nos campos de língua inglesa, tradução e estudos literários. Licenciada em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Língua Italiana e respectivas literaturas, todas pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF-MG). Pós-graduada em Globalização, Mídia e Cidadania pela UFJF/MG. Mestre em Letras pela UFJF/MG. Doutora em Letras - área de concentração Estudos Literários pela UFJF/MG. *E-mail:* carolina.a.magaldi@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O artigo visa abordar a construção da masculinidade no livro de Machado de Assis, precisamente da personagem Dom Casmurro, cujo nome empresta como título à obra. Apesar de o livro ter sido publicado no ano de 1899, as questões nele tratadas podem ser, com facilidade, identificadas atualmente. O comportamento machista e opressor, a complexidade nas relações amorosas e a homofobia são alguns dos tópicos que guardam semelhança com situações hodiernas vivenciadas. Neste estudo, focar-se-á a idiosincrasia das masculinidades descritas e sua influência na construção do narrador-personagem Dom Casmurro, quando de sua infância e juventude.

Nota-se que, quando dos estudos da obra machadiana – Dom Casmurro, costumeiramente utilizada durante a formação acadêmica brasileira, com raridade é abordada a interpretação de que o narrador-personagem poderia ser bissexual em constante conflito interno com sua identidade. O foco dos estudos, normalmente, é direcionado à questão da possível traição de Capitu. Uma justificativa para a ausência de estudos com enfoque na primeira interpretação pode ser o fato de que, para uma sociedade em que a imposição binária heteronormativa é evidente, tratar de uma obra reconhecida sob uma perspectiva que entende como questão central da narrativa o conflito de sexualidade da personagem poderia não agradar ao conservadorismo. Sendo assim, manteve-se o silenciamento dessa discussão.

A fim de dialogar com os estudos de gênero e sexualidade, além dos modelos de masculinidade da sociedade, como metodologia de estudo, utilizou-se de pesquisa bibliográfica na obra de Machado de Assis, objeto de análise, em textos de Guacira Lopes Louro, Michel Foucault, Mara Vigoya, entre outros autores. Prodanov e Freitas explicam que a pesquisa bibliográfica é

elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa (Prodanov; Freitas, 2013, p. 54).

Dessa forma, a pesquisa bibliográfica propicia ao pesquisador a atualização do tema objeto de estudo, a partir da análise e posterior apreciação dos documentos. Com isso, oportuniza-se um debate rico em aporte teórico atual sobre a temática (Bocato, 2006).

Inicialmente, compreender-se-á o quanto a construção de uma masculinidade está intimamente ligada a questões étnicas, de tempo, de lugar, de cultura. Em seguida, o estudo

fará uma síntese de parte da obra Dom Casmurro a qual se pretende analisar quanto às questões da masculinidade construída do narrador-personagem, Bentinho. Após, serão estudados os traços desse recorte da história que constroem a masculinidade tóxica e repressora na personagem de Bentinho, também denominado Dom Casmurro.

Por fim, tecem-se as considerações finais, em que se verificou que a construção do modelo de masculinidade da personagem de Dom Casmurro teve fortes influências do meio em que ele vivia, da época, das pessoas com quem conviveu, de seu pai que, falecido, era enaltecido e divinizado por ele. A personalidade melancólica, insegura e paranoica foi desenvolvida a partir da confusão de sentimentos reprimidos pelo narrador-personagem que não soube lidar com os sinais de sua sexualidade, nem se identificar como possível bissexual. A obra se passa em um período de transição da ordem patriarcal¹ imposta na sociedade para o modelo burguês. A primeira, cujo foco se dava na figura do homem cisgênero, como o chefe da família, havendo notoriamente uma hierarquia, na qual o poder se concentra nele. O segundo, modelo burguês, estabelecia a heteronormatividade como regra e essa ditava as condutas sociais, comportamentos que fugiam a ela eram reprimidos.

2 DA CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE

Michael Foucault (2001) atenta, quando da análise do séc. XIX, para o forte empenho de determinadas classes sociais, a partir de relações de poder estabelecidas, em construir uma família tradicional burguesa. Nela, é evidenciado o papel da mulher como mãe, progenitora e cuidadora do lar. Ademais, o séc. XIX, de acordo com Foucault (2001), marca o ideal burguês propagado, de casais heteronormativos e monogâmicos, de modo que toda relação que fugisse a essa regra devia ser (e era) severamente repreendida.

Ao se entender o gênero como uma estrutura organizacional das relações sociais, faz-se necessário compreendê-lo, juntamente com outros arranjos sociais, como a classe, a etnia, a condição econômica e o contexto social (Connell, 1997). A partir dessa análise, fica evidente que o conceito de masculinidade não é algo invariável, uma vez que sofre mutações no tempo e espaço em que se manifesta. Trata-se, pois, de uma construção social, com características próprias em estruturas sociais distintas.

¹ No decorrer deste estudo, valer-se-á do termo patriarcado ou de suas derivações, entretanto, ressalva-se que, de acordo com Narvaz e Koller (2006), os estudiosos do feminismo não são unânimes quanto ao uso de tal termo. Isso porque alguns alegam ser um vocábulo que possui um significado de algo de caráter histórico imutável. Saffioti (2011) explica que a utilização do termo patriarcado como é compreendido por Max Weber é ineficiente para tratar das relações de gênero na sociedade atual. Weber trata de um patriarcalismo anterior à existência do Estado e do capitalismo.

A literatura machadiana é farta de referências acerca do contexto histórico da obra tratada, de modo que é notória a busca da representação social da época em todas as obras de Machado de Assis. De acordo com Gotlib (1985, p. 77), tais textos “traduzem compreensões da natureza humana, desde as mais sádicas às mais benévolas, porém nunca ingênuas”. Nascido no Rio de Janeiro, em 1839, Joaquim Maria Machado de Assis era oriundo de família pobre, neto de escravos e pardo. Antes dos 17 anos, trabalhou como auxiliar de pedreiro e, após essa idade, alcançou um cargo de auxiliar da Tipografia Nacional. Mais tarde, integrou o jornal *Marmota Fluminense*, ingressando, em definitivo, na carreira literária (Silva, 2005).

É oportuno frisar o momento histórico em que a obra de Machado de Assis foi escrita, qual seja a transição da Monarquia para a República. Assis (1899) denuncia, durante a narrativa, que esta última, apesar de proclamada, não mudou de fato a situação de marginalização de determinados grupos, como mulheres e pessoas de baixa condição socioeconômica. Estes não detinham participação política, sendo inexistente seu direito ao voto (Carvalho, 1987). Segundo o historiador Caio Prado Jr. (1965), a identidade do Brasil é extremamente influenciada pelo colonialismo escravocrata, que, por sua vez, é marcado pelo modelo patriarcal e etnocêntrico.

No período histórico em que se passa a narrativa de Machado de Assis, o esforço pela manutenção da ordem republicana recém-instituída fundou-se na tentativa de fortalecimento da figura da mulher como genitora e esposa. O ideal de família burguesa também era traçado, no qual o modelo nuclear de família a ser seguido era o heteronormativo. Todas essas manobras visavam à dominação de classes, por meio da imposição de um padrão heteronormativo e da difusão da homofobia.

De acordo com Bourdieu:

A masculinização do corpo masculino e a feminilização do corpo feminino, tarefas enormes e, em certo sentido, intermináveis que, sem dúvida, hoje mais do que nunca, exigem quase sempre um gasto considerável de tempo e de esforços, determinam uma somatização da relação de dominação, assim, naturalizada. É através do adestramento dos corpos que se impõem as disposições mais fundamentais, as que tornam ao mesmo tempo *inclinados e aptos* a entrar nos jogos sociais mais favoráveis ao desenvolvimento da virilidade: a política, os negócios, a ciência etc. (Bourdieu, 2012, p. 70-71, grifo do autor).

O processo de dominação se dá por meio do controle que é feito pelas estruturas de poder da época sobre os corpos, de forma a moldá-los e adequá-los à heteronormatividade. Na obra de Machado de Assis (1899), pode-se pensar na relação amorosa de Bentinho e Capitu como um disfarce criado pelo narrador-personagem para retirar a atenção do leitor da questão

realmente central da obra, qual seja, o relacionamento homoafetivo entre as personagens Escobar e Bentinho, amigos de seminário.

Assim, Bentinho, em conflito com seus desejos reprimidos e frente à aversão à homossexualidade da sociedade da época, para reafirmar uma masculinidade perante todos e ser aceito pelas classes dominantes, casa-se com Capitu e constrói para si o modelo burguês propagado de família, heterossexual. As mesmas razões de conflito interno criam em Bentinho desconfianças que, para alguns intérpretes do romance, beiravam à paranoia, acerca de sua esposa, Capitu. Ele, então, passa a desconfiar de uma possível traição de Capitu com Escobar. Esse pensamento acaba por conturbar de vez a mente da personagem Bentinho, que se vê perdendo a relação que imagina ter de domínio sobre Capitu. Bentinho consubstancia o sentimento de perda do controle voltando sua raiva para Capitu e, posteriormente, para seu filho, Ezequiel (Miskolci, 2009).

Vigoya (2018) dedicou-se a uma investigação, na qual trabalhou diversos autores interessados em estudar as identidades masculinas e sua construção. A conclusão a que chegou foi a de que tanto a feminilidade quanto a masculinidade

são identidades construídas sobre referenciais sociais e não sobre dimensões biológicas, e que esses referenciais opressivos para as mulheres e danosos para os homens mudam em função do contexto social e dos momentos de suas vidas. [...] as identidades descritas se articulam às crises e transformações econômicas, bem como a seu impacto nas relações de gênero. (Vigoya, 2018, p. 69-70).

Guacira Louro (2004, p. 57) afirma que “desprezar o sujeito homossexual era (e ainda é), em nossa sociedade, algo ‘comum’, ‘compreensível’, ‘corriqueiro’. [...]”. Ela pontua ser extremamente importante analisar as formas de vivência da sexualidade, do desejo. A rejeição às relações homossexuais do séc. XIX é evidenciada na obra de Machado de Assis – Dom Casmurro. O livro é uma literatura realista, no qual são constantemente apresentadas críticas à sociedade da época. Além disso, pelo caráter realista da obra, o autor, a partir da descrição do comportamento das personagens, torna claros o contexto social do Brasil e a imposição de uma heteronormatividade, bem como de determinantes de uma masculinidade (Souza, [2022?]).

O livro foi publicado na época em que vocábulos como hetero e homossexualidade² começaram a ser utilizados. Machado de Assis retrata o estereótipo de masculinidade na

² A primeira vez em que a palavra homossexual foi usada ocorreu no ano de 1869, por meio do escritor vienense de nome Benkert, que, na busca de tentar dirimir o preconceito e a represália a homossexuais, introduziu o vocábulo, sinalizando tratar-se de um terceiro sexo, involuntariamente, formado. Argumentou que, por conta disso, o homossexualismo não deveria ser criminalizado ou tratado como uma compulsão (Zeldin, 2008).

cidade do Rio de Janeiro, dentro do contexto socioeconômico vivenciado pelas personagens da época. Para posterior estudo das masculinidades no livro *Dom Casmurro*, far-se-á, inicialmente, breve síntese da obra, mais especificamente, do recorte em que será analisada a construção da masculinidade do narrador-personagem.

3 BREVE SÍNTESE DE UM RECORTE DA OBRA DOM CASMURRO

Bentinho, nome do narrador-personagem da história, passou a adotar a alcunha de Dom Casmurro quando adulto. A mãe de Bentinho, Dona Glória, antes de concebê-lo, havia perdido um filho. Quando soube estar grávida novamente, agora de Bentinho, D. Glória prometeu que, se o filho sobrevivesse, ela o faria dedicar sua vida ao seminário para que este fosse ordenado padre no futuro.

Na adolescência, Bentinho foi lembrado pela mãe sobre a promessa. Ao tempo, ele se encontrava apaixonado por sua amiga de infância, Capitu. Apesar dos esforços de ambos para que ele não fosse obrigado a ir para o seminário, a promessa de D. Glória teve maior poder (Assis, 1899). Já no seminário, Bentinho conhece Escobar e eles criam um elo muito forte. Quando da leitura, a primeira impressão é de que a relação existente entre os dois é de amizade, entretanto, numa segunda percepção, há possivelmente traços de interesse amoroso reprimido.

José Dias, amigo da família, mais tarde, ajuda Bentinho a sair do seminário, convencendo D. Glória a honrar a promessa por outra forma. Caberia a ela escolher um menino órfão que ocuparia o lugar de seu filho na formação para se tornar padre. Com o tempo, Bentinho e Capitu se casam, têm um filho e uma tragédia acontece, levando a óbito Escobar (Assis, 1899).

Eis a síntese do recorte da história que será analisado, com enfoque na relação de gênero e sexualidade da personagem Bentinho e a construção forçada de sua masculinidade desde a adolescência até seu casamento com Capitu. Todos os acontecimentos e as condutas reprimidas pela personagem levaram-no a ser o Casmurro, um homem melancólico e de muita amargura.

4 ANÁLISE DAS MASCULINIDADES NA TRAJETÓRIA DA PERSONAGEM BENTINHO – DA ADOLESCÊNCIA NO SEMINÁRIO AO CASAMENTO

Nos romances machadianos, a construção dos caracteres se dá a partir da mistura de ambiguidade e paradoxo nas personagens. Há um conflito interno em cada personagem no que diz respeito aos seus sentimentos e valores. Em *Dom Casmurro*, é interessante observar a escolha do autor pela narrativa em primeira pessoa, na qual existe um misto de dramatização do narrador para consigo, para com os fatos e as personagens. Faz-se uma separação existencial entre Bento Santiago, eu-narrante, homem amargurado e arredo, e Bentinho, eu-narrado, jovem inocente, em atrito com os sentimentos que o envolvem (Cordeiro, 2009).

Sabe-se que a narrativa memorialista é caracterizada pela mistura de imaginação e de recordação de acontecimentos (Porto, 2011). Em *Dom Casmurro*, estão presentes essas peculiaridades, de modo que é seguro dizer que a narrativa é memorialista. Ela recapitula acontecimentos passados a partir do olhar do narrador-personagem. Segundo a pesquisadora Maria Lúcia Dias Mendes, o vocábulo memórias “está tradicionalmente ligado às narrativas de vida [...]. O termo ‘*mémoires*’, no plural, está ligado à recapitulação, à inscrição em *mémoire* de acontecimentos aos quais o autor teve acesso direto e que possibilitam a sua rememoração (Mendes, 2007, p. 38).

Outro aspecto importante a se observar na narrativa de *Dom Casmurro* é que os fatos são trazidos ao leitor pelo narrador-personagem tanto de forma explícita quanto implícita. Ele, ao buscar expor os acontecimentos sob o seu ponto de vista, deixa lacunas para a livre interpretação do leitor. Machado de Assis, então, convida o leitor a completar as brechas por ele deixadas, interpretando-as: “é que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas” (Assis, 1899, recurso *on-line*). Assim, para compreender *Dom Casmurro*, há que se agruparem as informações dadas implícita ou explicitamente pelo narrador e contrapô-las até que se chegue à completeza dos fatos (Cordeiro, 2009).

Ao longo da narrativa, percebe-se constantemente uma tentativa do narrador-personagem, Bentinho, de retratar Capitu como sendo uma mulher sagaz e, possivelmente, dissimulada (o que ele conclui mais tarde, quando já passa a se denominar Casmurro). O narrador conta quão surpreso ficava com o modo natural com o qual Capitu despistava seu relacionamento com Bentinho, quando seus pais se aproximavam. Mais adiante, na história, Bentinho tentará culpar Capitu de tê-lo traído com Escobar, seu melhor amigo.

Nesse sentido, interessante notar o uso de discursos que reafirmam masculinidades para culpabilizar a mulher pela ocorrência de determinadas situações. Vigoya (2018) relembra um caso verídico de um treinador de futebol da seleção colombiana, que se envolveu num escândalo à época, por bater numa mulher dentro de um bar. O fundador do Movimento Machista Colombiano, Edilberto Barreto, justificou e defendeu a conduta do treinador, inculcando-lhe o papel de vítima dos acontecimentos e dizendo “quem sabe que tipo de mulher o levou a tomar tal atitude” (Barreto, 2012, recurso *on-line apud* Vigoya, 2018, p. 157).

Noutra ocasião, Vigoya (2018) conta que Barreto incentivava os homens a demonstrarem o que ele chamava de masculinidade. Para ele, os homens tinham de impor respeito frente às mulheres por meio da força física “[...] dar-lhes duro, como ao gado” (Barreto, 2012, recurso *on-line apud* Vigoya, 2018, p. 158). Discursos como tal são reproduzidos cotidianamente na sociedade e aqueles que o fazem não demonstram arrependimento do que dizem ou vergonha por dizê-lo. A violência proferida por homens a mulheres parece lhes reafirmar, internamente, sua “moralidade” socialmente esperada.

Há, aqui, um conflito entre a legalidade e a moralidade. As leis têm o condão de organizar a sociedade, pacificando-a, de modo a permitir um ambiente seguro para se relacionar. A moralidade social, por outra via, a depender do lugar em que se forma, dos costumes, da época, é constituída em menor ou maior proporção de valores patriarcais e heteronormativos (Vigoya, 2018).

Vigoya (2018) faz um comparativo entre legalidade e moralidade ao analisar a conduta de um estupro. A autora explica o significado que a violência praticada tem para os agentes. Segundo ela, os relatos de estupro sugerem que eles justificam o ato como sendo um meio eficaz de restaurar a ordem sistêmica de gênero. O estupro seria, para eles, uma prática que tem o condão de reerguer a ilusória moral patriarcal que estes acreditam ter.

Ao estudar o texto de Dom Casmurro, é imprescindível ter em mente a cada período que o texto é narrado através da visão da própria personagem Bentinho/Casmurro. Assim sendo, deve o leitor se atentar para todo tipo de pista deixado no texto, uma vez que até mesmo as impressões detalhadamente narradas são fruto de uma interpretação única da personagem Bentinho. Isso torna a reflexão acerca da masculinidade da personagem Bentinho mais intrincada, pois o mesmo, repreendido pela ordem patriarcal heteronormativa da época conscientemente condenava a homossexualidade (Veríssimo, 2020).

À primeira impressão, a questão central da obra parece ser a desconfiança, nunca comprovada por Bentinho, de uma traição de Capitu com Escobar. Veríssimo (2020) faz um apontamento interessante em relação a qual seria de fato a questão central da obra. Ele

acredita que o narrador-personagem enlaça o leitor em um falso-problema, qual seja, a ocorrência ou não de traição por parte de Capitu. Entretanto, Veríssimo (2020) traz à tona outra interpretação da obra *Dom Casmurro*, em que o foco da trama não é se se traiu ou não, mas o conflito interno do narrador-personagem quanto à sua identidade de gênero e à sua sexualidade.

Todos esses fatores culminaram na formação da personalidade de Casmurro, melancólico, infeliz, paranoico e inseguro. A figura da personagem retrata um sujeito que, por tanta opressão social do meio em que vivia, não só na cidade onde crescera, mas também no seminário que frequentou, não teve a oportunidade real de se identificar e se entender, talvez, como um sujeito homossexual (Miskolci, 2009).

De acordo com Freitas e Teixeira (2016), ao se analisar a história de Bentinho, deve-se entender as masculinidades como construtos sociais, de forma que mantêm uma relação de interdependência com outros fatores estruturantes, exemplificando, momento histórico, classe social, raça e etnia. A obra machadiana se passa na segunda metade do séc. XIX, nesse período, a ciência difundia o pensamento de que a mulher era a “guardiã do lar” (Martins, 2009, p. 23).

Conforme arrazoado, a narrativa de *Dom Casmurro* é de um período de transição da Monarquia para a República, de sorte que o contexto de mudanças sociais e políticas é imprescindível para a propagação, no Brasil, de um modelo binário heteronormativo, no qual o dever da mulher era o de criação dos filhos e cuidado do lar. “O casamento e a maternidade eram efetivamente constituídos como a verdadeira carreira feminina. Tudo que levasse as mulheres a se afastarem desse caminho seria percebido como um desvio da norma” (Louro, 2018, p. 454). Para as classes dominantes da época, a manutenção desse ideal de mulher garantia a ordem socioeconômica. Salienta-se que o projeto de controle da mulher era aplicado não só para anular seus direitos políticos e sociais, mas também sexuais.

Frisa-se que as descrições na narrativa machadiana levam ao enfoque do tratamento da mulher, àquele período, como protetora do lar, entretanto, oportuno se faz mencionar que já havia, no Brasil, manifestações feministas, chamadas de ondas, em que cada qual foi evidenciada historicamente pelo direito principal que reivindicava³ (Duarte, 2003).

No que concerne à opressão interna sofrida pela personagem Bentinho, esta se solidifica na figura masculina de seu pai, já falecido. O narrador, ao falar de seu pai, diviniza-

³ Consoante Duarte (2003), a segunda onda aconteceu na cidade do Rio de Janeiro e teve como defensora a jornalista Francisca Senhorinha da Mota Diniz, que comandou a edição de um periódico de sucesso, denominado “O sexo feminino” (Duarte, 2003, p. 156).

o, de modo que suas condutas, inconscientemente, são sempre direcionadas à ideia de aprovação ou não que seu pai faria. No livro, Bentinho, ao falar do pai, afirma: “*Não me lembra nada dele, a não ser vagamente que era alto e usava cabeleira grande; o retrato mostra uns olhos redondos, que me acompanham para todos os lados [...]*” (Assis, 1899, grifos nossos).

Freud (2016) entende que a amnésia infantil dos primeiros anos de vida de uma criança está associada à sexualidade, à sua incapacidade de reprimir o desejo sexual, ou seja, ao recalque. O narrador-personagem passa então a falar de sua mãe, ele diz que, na foto, ela aparece com “[...] uma flor entre os dedos. No painel, parece oferecer a flor ao marido” (Assis, 1899, recurso *on-line*). A flor entre os dedos remete diretamente ao órgão sexual feminino. Machado de Assis, aqui, quer informar ao leitor, num tom afirmativo de um modelo de masculinidade, a relação de pertencimento da mãe de Bentinho a seu marido – pai de Bentinho. Com isso, a amnésia que o narrador-personagem tinha das lembranças do pai seria o efeito do recalque criado, por sua incapacidade de lidar com sensações sexuais nesse período de vida (Freud, 2016).

Adiante, ao se analisar a narrativa de quando se deu o interesse inicial de Bentinho por Capitu, o próprio narrador-personagem admite que foi José Dias o responsável por fazê-lo enxergar Capitu como algo mais além de amiga. No capítulo intitulado “A Denúncia”, Bentinho esclarece estar à escuta atrás da porta de casa quando ouve uma conversa entre José Dias e sua mãe, D. Glória. Na ocasião, José Dias alerta D. Glória da proximidade de Bentinho e Capitu e da promessa que fora feita de mandar o menino ao seminário para ser padre (Veríssimo, 2020).

Bentinho sempre foi um menino sem muita iniciativa, deveras influenciável. Possivelmente, após a ideia criada por José Dias, Bentinho repassou seus momentos com Capitu, os reinterpretou e se convenceu de que estava interessado por ela. Veja-se a fala do narrador-personagem no capítulo denominado “Na Varanda”:

Tudo isto me era agora apresentado pela boca de José Dias, que me denunciara a mim mesmo [...]. Eu amava Capitu! Capitu amava-me! [...] Esse primeiro palpitar da seiva, essa revelação da consciência a si própria, nunca mais me esqueceu, nem achei que lhe fosse comparável qualquer outra sensação da mesma espécie. Naturalmente por ser minha (Assis, 1899, recurso *on-line*).

Nota-se uma tentativa exagerada de encaixar os fatos e as emoções na ideia criada por José Dias e por Bentinho abraçada. Pois bem, seguindo-se na análise literária, importante descortinar a diferença na descrição que Bentinho faz dos olhos de Capitu e, mais tarde, dos

de Escobar – amigo que fez no seminário. Para Capitu, ele mantinha os adjetivos criados por José Dias, enxergando-os como de “cigana oblíqua e dissimulada” (Assis, 1899, recurso *on-line*).

Antes de se proceder à colagem da descrição dos olhos de Escobar, na visão de Bentinho, lembra-se o leitor de que o narrador-personagem conta sua própria história após mais de 40 anos. Não é preciso ser um psicanalista para saber que o cérebro é seletivo em se tratando de memórias, as mais significativas ele guarda, as outras, descarta (Veríssimo, 2020).

Nisto não houve exageração do agregado. A cara rapada mostrava uma pele alva e lisa. A testa é que era um pouco baixa, vindo à risca do cabelo quase em cima da sobrancelha esquerda; mas tinha sempre a altura necessária para não afrontar as outras feições, nem diminuir a graça delas. Realmente, era interessante de rosto, a boca fina e chocarreira, o nariz curvo e delgado. (Assis, 1899, recurso *on-line*).

O trecho acima foi retirado do capítulo em que Escobar vai à casa de Bentinho visitar a mãe deste, que se encontrava adoentada. Na saída, Bentinho leva Escobar à porta e espera com ele a chegada de um ônibus. Destaca-se a forma afetuosa com que Bentinho descreve a despedida de Escobar e quão desconfortável se sentiu, como que tivesse sido pego, quando Capitu apareceu, de súbito, perguntando quem era o amigo.

Separamo-nos com muito afeto: ele, de dentro do ônibus, ainda me disse adeus, com a mão. *Conservei-me à porta, a ver se, ao longe, ainda olharia para trás, mas não olhou.*

- Que amigo é esse tamanho? - perguntou alguém de uma janela ao pé.

Não é preciso dizer que era Capitu. [...] Era Capitu, que nos espreitara desde algum tempo, por dentro da veneziana, e agora abrira inteiramente a janela, e aparecera. Viu as nossas despedidas tão rasgadas e afetuosas, e quis saber quem era que me merecia tanto. (Assis, 1899, recurso *on-line*, grifo nosso).

Vê-se o sentimento existente em Bentinho que, com Escobar já dentro do ônibus, aguarda esperançoso que ele olhe mais uma vez para trás e a sua decepção na ausência desse olhar. Há, nesse momento, claro interesse amoroso e a intensidade era tamanha que foi percebido por Capitu, mas como demonstração de amizade (Martins, 2009).

Mais à frente, na leitura de Dom Casmurro, capítulo 93, tem-se que Escobar vai até a rua de Bentinho, Matacavalos, e este passa ao leitor a informação de que Escobar lhe segurou as mãos por aproximadamente cinco minutos, “como se não me visse desde longos meses” (Assis, 1899, recurso *on-line*), completou o narrador-personagem. Quando narra que todos em sua casa gostaram de Escobar, o faz em tom de satisfação e alívio. Reflita-se, o

comportamento de Bentinho ao mostrar-se aliviado por Escobar ter agradado a todos de sua família acusa o interesse amoroso existente. Inconscientemente, Bentinho sentiu apreensão antes de apresentar Escobar a todos e ansiava que eles o aprovassem, ainda que como amigo.

Passagens atrás, no texto, Bentinho elogia o modo como Escobar lida com as palavras, sua facilidade em se comunicar. Ainda no capítulo 93, ele aponta o acanhamento de Escobar que lhe declamava elogios em conversa com D. Glória:

Minha mãe agradeceu-lhe a amizade que me tinha, e ele respondeu com muita polidez, ainda que um tanto atado, como se carecesse de palavra pronta. Já viste que não era assim, a palavra obedecia-lhe, mas o homem não é sempre o mesmo em todos os instantes

[...] Insistia na educação, nos bons exemplos, ‘na doce e rara mãe’ que o céu me deu... *Tudo isso com a voz engasgada e trêmula. Todos ficaram gostando dele. Eu estava tão contente como se Escobar fosse invenção minha.* (Assis, 1899, recurso *on-line*, grifos nossos).

Observa-se, aqui, a reciprocidade do interesse amoroso existente. A obstinada vontade de Escobar de agradar e tornar-se querido por D. Glória, mãe da pessoa objeto de seu desejo, ou seja, Bentinho. Escobar não só se empenha em conquistar a família de Bentinho, como também manifesta demasiada curiosidade em saber mais sobre os pais dele (Assis, 1899). Ademais, o narrador-personagem informa ao leitor a satisfação com que Escobar recebeu a notícia de que D. Glória teve boas impressões a seu respeito e o elogiou.

Quando eu referi a Escobar aquela opinião de minha mãe (sem lhe contar as outras, naturalmente) vi que o prazer dele foi extraordinário. [...] Contei-lhe o que sabia da vida dela e de meu pai. *Escobar escutava atento, perguntando mais, pedindo explicação das passagens omissas ou só escuras* (Assis, 1899, recurso *on-line*, grifos nossos).

O narrador-personagem termina esse capítulo da história contando de sua caminhada com Escobar e o faz de maneira tão romântica que, para o leitor, é custoso imaginar ali uma relação estritamente de amizade, veja-se:

Caminhamos para o fundo. Passamos o lavadouro; ele parou um instante aí, mirando a pedra de bater roupa e fazendo reflexões a propósito do asseio; depois continuamos. [...] A minha alegria acordava a dele, e o céu estava tão azul, e o ar, tão claro, que a natureza parecia rir também conosco. São assim as boas horas deste mundo. Escobar confessou esse acordo do interno com o externo, por palavras tão finas e altas que me comoveram [...] (Assis, 1899, recurso *on-line*).

No capítulo seguinte, intitulado “Ideias Aritméticas”, o narrador-personagem inicia tecendo elogios a Escobar, salientando que este não só tem o pensamento rápido, como também possui facilidade com os cálculos:

Fiquei tão entusiasmado com a facilidade mental do meu amigo, que não pude deixar de abraçá-lo. Era no pátio; outros seminaristas notaram a nossa efusão; um padre que estava com eles não gostou.

- A modéstia - disse-nos - não consente esses gestos excessivos; podem estimar-se com moderação (Assis, 1899, recurso *on-line*).

O motivo de profundo entusiasmo se deu pelo fato de Escobar ter ganhado a aposta que fizeram: conseguiu calcular mentalmente, em instantes, a renda auferida pela família de Bentinho, a partir dos valores que ele lhe expôs. A demonstração de afeto foi tamanha que um dos padres os reprimiu pela conduta. Atenta-se, aqui, para a intensidade da resposta física de Bentinho a um simples cálculo aritmético solucionado por Escobar, denota-se excessivo e desproporcional efeito de carinho em relação à causa que lhe deu origem (Oliva, 2017).

Além disso, em seguida, o narrador-personagem conta: “Escobar observou-me que *os outros e o padre falavam de inveja e propôs-me viver separados*. Interrompi-o dizendo que não; se era inveja, tanto pior para eles” (Assis, 1899, recurso *on-line*, grifo nosso). Com essa passagem, pode-se pensar que havia já uma suspeita, no seminário, da aproximação entre Escobar e Bentinho e o medo da descoberta de um sentimento homoafetivo fez Escobar sugerir que eles se afastassem. Machado de Assis não escrevia passagens sem intenção. Essa é uma de muitas pistas que o autor deixa para o leitor, ele lança rastros durante a narrativa, de modo que conta, sinuosamente, a real questão central que envolve a obra. A sociedade da época em que se passa a narrativa incentivava o casamento e a família heterossexual e reprimia fortemente práticas que se desviassem desse modelo (Veríssimo, 2020).

O capítulo intitulado “A Mão de Sancha”, esposa de Escobar, traz o desejo de contato físico, por meio de desculpas frustradas, entre as personagens Bentinho e Escobar, quando o último pede que Bentinho aperte seus braços para ver como eram fortes (Oliva, 2017):

*Apalpei-lhe os braços, como se fossem os de Sancha. Custa-me esta confissão, mas não posso suprimi-la; era jarretar a verdade. Nem só os apalpei com essa ideia, mas ainda senti outra cousa; achei-os mais grossos e fortes que os meus, e tive-lhes inveja; acresce que sabiam nadar (Assis, 1899, recurso *on-line*).*

O desejo reprimido do narrador-personagem por Escobar e, ao mesmo tempo, a incapacidade de lidar com o ciúme ao ver seu objeto de desejo casado com uma mulher, a necessidade de se fazer aceito pela sociedade da época e a ânsia de buscar corresponder às

expectativas de seu pai e de sua família convergiram para a mudança do jovem Bentinho na figura do homem, Dom Casmurro, paranoico, infeliz e envolvido pela amargura (Magalhães; Bina Júnior, 2014).

Em determinado momento da história, o narrador-personagem conta um episódio que passou quando criança, em que deixa evidente o ideal de masculinidade vivenciado, trazido pela personagem de Tio Cosme, muito semelhante ao que se percebe comumente na atualidade (Freitas; Teixeira, 2016). Eis, a seguir, recorte da obra referente a essa passagem:

Posto que nascido na roça (donde vim com dois anos) e *apesar dos costumes do tempo*, eu não sabia montar, e tinha medo ao cavalo. Tio Cosme pegou em mim e escanchou-me em cima da besta. Quando me vi no alto (tinha nove anos), sozinho e desamparado, o chão lá embaixo, entrei a gritar desesperadamente: ‘Mamãe! Mamãe!’ (Assis, 1899, recurso *on-line*, grifo nosso).

O narrador-personagem faz notar que, para a sociedade da época, o fato de Bentinho não saber montar em um cavalo era um ultraje a sua masculinidade. Veja-se, já era exigido de Bentinho aos 9 anos de idade um determinado comportamento legitimador de masculinidade, segundo o contexto sócio-histórico. Ademais, diante da situação nova que lhe causara temor, a primeira atitude de Bentinho foi gritar por sua mãe, D. Glória, o que demonstra a insegurança da personagem desde novo e a dependência que ele desenvolvia pela mãe (Freitas; Teixeira, 2016).

Ela acudiu pálida e trêmula, cuidou que me estivessem matando, apeou-me, afagou-me, enquanto o irmão perguntava:
- Mana Glória, pois um tamanhão destes tem medo de besta mansa?
- Não está acostumado (Assis, 1899, recurso *on-line*).

Observa-se, na conduta de D. Glória, a superproteção que ela dedicava à Bentinho, o que explica, mais tarde, a incapacidade deste em tomar decisões sozinho e a concretude de uma personalidade insegura (Freitas; Teixeira, 2016).

- *Deve acostumar-se. Padre que seja, se for vigário na roça, é preciso que monte a cavalo; e, aqui mesmo, ainda não sendo padre, se quiser florear como os outros rapazes, e não souber, há de queixar-se de você, mana Glória.*
- Pois que se queixe; tenho medo (Assis, 1899, recurso *on-line*, grifo nosso).

Por fim, tem-se o resultado fático da exigência social de condutas legitimadoras de uma masculinidade representado no assentir de Bentinho em aprender equitação após a censura de seu Tio Cosme: “A verdade é que eu só vim a aprender equitação mais tarde,

menos por gosto que por vergonha de dizer que não sabia montar” (Assis, 1899, recurso *online*).

Para Badinter (1993, p. 4), “o próprio homem e aqueles que o cercam têm tão pouca confiança na sua identidade sexual que lhe exigem provas de sua virilidade. ‘Prove que você é homem’ é o desafio que o ser masculino enfrenta permanentemente”. Com isso, para ser considerado homem, o sujeito tinha de abdicar de demonstrações de afeto muito calorosas, de gestos delicados e de uma postura que sugerisse submissão.

Importante contrastar, nesse sentido, o modo como era tratada a figura feminina. Se a ideia de masculino se construía pela ausência de expressão dos sentimentos, condutas dominantes, jeito abrutalhado e, muitas vezes, violento quando externado em exagero, o feminino era tido como o oposto. Scott (1988) observou em seus estudos que as sociedades pensavam os gêneros como dicotômicos e opostos. A interação entre homem e mulher se dava a partir da dominação daquele sobre esta.

Na obra de Machado de Assis, José Dias é uma personagem que manifesta esse pensamento a todo momento e exerce forte influência na construção da identidade de Bentinho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise da construção da masculinidade da personagem de Bentinho, das relações de poder que perpassam esse constructo, é possível interpretar o foco do romance como sendo o desejo encoberto de Bentinho por seu grande amigo Escobar. O modelo tóxico de masculinidade vigente reprimiu os sentimentos do narrador-personagem de tal maneira que este, na fase adulta, tornou-se um homem carrancudo e amargurado.

Essa interpretação do romance coaduna com a característica da narrativa machadiana a disposição de informações expressas e maculadas durante o texto. O narrador, propositalmente, abre lacunas no decorrer da contação, compete ao leitor a tarefa de destrinchar o sentido da narrativa e trazer à tona a interpretação que o autor pretendia quando da criação do romance.

Diante da complexidade inerente às obras de Machado de Assis, é forçado entender que o centro desse romance se funda na indagação se houve ou não traição por parte de Capitu. Uma interpretação mais aprofundada sugere a questão de Capitu apenas como pano de fundo para o conflito real: a construção identitária de Bentinho, forjada sob os ditames de uma

sociedade patriarcal e heteronormativa e o sentimento amoroso reprimido da personagem para com seu amigo Escobar.

Havia, ao tempo em que o romance se passa, um esforço da sociedade brasileira burguesa e patriarcal em não permitir aparecerem as diversas formas identitárias de gênero e de expressão da sexualidade. Os estereótipos perpetrados do que seria o “corpo masculino ideal” terminam por reforçar condutas opressoras e violentas, reafirmando uma masculinidade tóxica e diminuindo as possibilidades de performatividade dos corpos.

Machado de Assis marcou em suas obras sua forma de enxergar as relações sociais da época, sempre crítico e observador. Com isso, pode-se perceber em Dom Casmurro, devido ao contexto histórico em que a narrativa é contada, esforços da sociedade de manter a imagem de família, formada por um homem e uma mulher, além de exigir expressões públicas de um comportamento x, que seria o adequado a homens e outro y, próprio às mulheres.

Espera-se ter feito uma pequena problematização, com base na construção da personagem Dom Casmurro, dos danos que uma sociedade discriminatória pode causar à formação de um indivíduo. Bentinho, no caso, sequer pôde perceber seus reais sentimentos por Escobar, com isso, não conseguiu vivenciar seus desejos. No início da narrativa, o narrador-personagem lamenta não reconhecer a si próprio, enquanto *persona*: “Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo” (Assis, 2019, recurso *on-line*).

As exigências da época impostas aos corpos comprometeram o psicológico da personagem, que se tornou amarga e paranoica. O conflito interno quanto à sua identidade fez do narrador-personagem um indivíduo carrancudo, solitário e amargo. Isso se deve, em grande parte, às masculinidades tóxicas percebidas na sociedade da narrativa (e que estão implantadas na vida real), as quais reafirmavam a imposição de uma heteronormatividade e o pensamento de que o gênero binário é o normal e todo aquele que transgredir a tais regras é passível de marginalização.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Dom Casmurro*. [S.l.: s.n.], 1899. Disponível em: [https://dcasmurro.com.br/livro.html#epubcfi\(/6/2\[titlepage\]!4/1:0\)](https://dcasmurro.com.br/livro.html#epubcfi(/6/2[titlepage]!4/1:0)). Acesso em: 14 jan. 2022.

BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

- BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. *Revista de Odontologia da Universidade de São Paulo*. São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006. Disponível em: https://arquivos.cruzeirosuleducacional.edu.br/principal/old/revista_odontologia/pdf/setembro_dezembro_2006/metodologia_pesquisa_bibliografica.pdf. Acesso em: 20 dez. 2021.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Küner. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CARVALHO, Marta M. C. *A Escola e a República*. Col. Tudo é História. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CONNELL, Robert William. La organización social de la masculinidade. In: Valdés, T; Olavarría. *Masculinidades, poder y crisis*. Santiago de Chile: Flacso.
- CORDEIRO, Marcos Rogério. O conflito de caracteres na obra de Machado de Assis. *Anais do Simpósio Internacional de Letras e Linguística*, v. 1, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2009. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2009_gt_lt15_artigo_3.pdf. Acesso em: 2 ago. 2023.
- DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. *Revista Estudos Avançados*. São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151-172.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Graal, 2001.
- FREITAS, Débora Maia de; TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. “O menino é o pai do homem?” – De Bentinho a Casmurro: masculinidades deslizantes. *Revista Estação Literária*. Londrina, v. 16, p. 29-49, jun., 2016.
- FREUD, Sigmund. *Obras completas: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O Caso Dora”) e outros textos (1901-1905)*. Tradução: Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do Conto*. São Paulo: Ática, 1985.
- LOURO, G. Lopes. *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LOURO, G. Lopes. Mulheres na sala de aula. Del Priore, M. *História das mulheres* (org.). 10. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- MAGALHÃES, Epaminondas de Matos; BINA JÚNIOR, Renalto Ferreira. Coração no punho e o sangue no ciúme: o jogo enigmático em Dom Casmurro, de Machado de Assis. *Revista Facisa On-line*. Barra do Garças, v. 3, n. 3, p. 102-110, jul./dez., 2014.
- MARTINS, Ana Patrícia Sá. *A crítica machadiana em Dom Casmurro: um estudo da alegoria feminina como crítica ao sistema republicano no final do século XIX*. 2009. Monografia (Graduação em História), Universidade Estadual do Maranhão, 2009.

MENDES, Maria Lúcia Dias. *No limiar da História e da Memória: um estudo de Mes mémoires*, de Alexandre Dumas. 2007. Tese (Doutorado em Letras modernas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-01112007-143905/pt-br.php>. Acesso em: 7 ago. 2023.

MISKOLCI, Richard. O vértice do triângulo: Dom Casmurro e as relações de gênero e sexualidade no fin-de-siècle brasileiro. *Revista Estudos Feministas*, Santa Catarina. v. 17. n. 2, pp. 547-567, mai./ago., 2009.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Revista Psicologia & Sociedade*. Recife, 18 abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/VwnvSnb886frZVkpBDpL4Xn/?lang=pt>. Acesso em: 14 jan. 2022.

OLIVA, Osmar Pereira. Amizade masculina e homoerotismo em Dom Casmurro, de Machado de Assis. *Machado Assis em linha: revista eletrônica de estudos machadianos*. São Paulo, dez., 2017.

PORTO, Patrícia de Cássia Pereira. Narrativas memorialísticas: memória e literatura. *Revista Contemporânea de Educação*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/download/1648/1496>. Acesso em: 8 ago. 2023.

PRADO JR., Caio. *Evolução política do Brasil e outros estudos*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1965.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo, Feevale, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado, violência*. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

SCOTT, Joan. *Deconstructing equality-versus-difference: or, the uses of poststructuralist theory for feminism*. *Feminist Studies*. v. 14, n. 1, p. 32-50, 1988.

SILVA, Alessandro Castro da. “*Relíquias de casa velha*”: uma leitura do Rio de Janeiro e do Brasil do séc. XIX e do início do séc. XX através do olhar do escritor e do funcionário público Machado de Assis. 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SOUZA, Warley. Dom Casmurro. *Brasil Escola*. [2022?]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/dom-casmurro.htm>. Acesso em: 12 jan. 2022

VERÍSSIMO, Elizaldo. A atualidade do Dom Casmurro de Machado de Assis à luz da Psicanálise. 2020. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QvJ8qUNf2sA&t=3619s>. Acesso em: 13 jan. 2022.

VIGOYA, Mara Viveros. *As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*. Tradutor: Allyson de Andrade Perez. Rio de Janeiro: Papeis Selvagens, 2018.

ZELDIN, Theodore. *Uma história íntima da humanidade*. Tradução Hélio Pólvora. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.